

UNIVERSIDADE NA PANDEMIA: EXTENSÃO E O PROTAGONISMO DA COMUNIDADE ACADÊMICA

Adriana dos Santos Marmori Lima
UNEB
asmlima@uneb.br

Rita de Cassia Chagas Carvalho
UNEB
ritaccarvalho13@gmail.com

Simone Leal Souza Coité
UNEB/UFOB
simonescoite@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira no contexto mundial, impactada pela pandemia da COVID-19 se desestabilizou no âmbito sociopolítico, econômico, educacional e cultural e isso gerou demandas às universidades que historicamente assumem posturas de enfrentamentos frente às mais diferentes situações de crises. As universidades assumiram uma posição política efetiva no sentido de participarem ativamente desse contexto tanto na produção de ciência, na difusão de saberes e principalmente na formação de pessoas, cumprindo o papel institucional com compromisso social.

Esse resumo expandido traz em seu bojo aspectos teórico-práticos sobre o lugar assumido pelas Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) brasileiras nesse contexto, observadas os princípios da autonomia, dos objetivos institucionais sob a perspectiva da extensão universitária. O principal objetivo é refletir sobre extensão e o protagonismo da comunidade acadêmica a partir de um breve relato da atuação desta nos programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços realizados e catalogados pelo Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Brasileiras (FORPROEX) após mapeamento e publicação na Rede de Extensão Universitária (RENEX).

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E PARTICIPAÇÃO ACADÊMICA

Considerando as três dimensões acadêmicas previstas constitucionalmente (1988), um princípio que rege a Educação Superior é a “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (art. 207). No contexto de pandemia e diante das orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) com vistas à proteção da vida, atendendo à necessidade de isolamento/distanciamento social; as IPES suspenderam suas atividades acadêmicas presenciais, e notadamente as dimensões da pesquisa e da extensão se reinventaram para a manutenção do trabalho de forma remota.

A extensão universitária desde 1988 assumiu um lugar diferenciado e vem buscando ao longo da história implementar o seu conceito construído colaborativamente no FORPROEX (2012) e que fundamenta todas as políticas extensionistas das IPES.

Entende-se e defende-se extensão enquanto *processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade*. (FORPROEX, 2012), nesse sentido o ensino, a pesquisa e pós-graduação se *sustentam* numa relação estratégica com a extensão. Esse exercício precisa ser mais denso e constante com vistas à tão sonhada indissociabilidade enquanto diretriz e princípio acadêmico.

Discutir conceitualmente sobre extensão nesse momento pandêmico é ocupar espaços por vezes vazios, é olhar esse vazio trazendo para a roda outros conceitos elaborados e refletidos na ciência que apontam para a desconstrução de modelos, para a importância da decolonialidade, e influencie novos desenhos que venham traduzir a realidade sob o prisma dos processos e *sistemas complexos*, questionando a lógica por vezes imposta socialmente e avançando para a dimensão de uma *polilógica*⁵⁸ que desterritorializa o *locus* de produção e aponta para a realidades constituídas em *espaços multirreferenciais de aprendizagem*.

Nesse interim, os/as pesquisadores/as entendidos como seres encarnados/as com suas histórias de vida e construção, corroboram para uma compreensão multidirecional e apontam

⁵⁸ A teoria polilógica aponta para a concepção de numerosas lógicas, teoria de múltiplas linguagens, teoria de muitos nomes, teoria de numerosas razões, teoria da multiplicidade, teoria da multidão. (GALEFI, 2013).

para a reflexão sobre nós humanos, seres de direitos e deveres, que fazemos parte das universidades com papel importante e atuação cidadã neste mundo.

Pelo viés da extensão universitária podemos enxergar os vazios e sermos “provocados/as”, “inquietados/as”, a assumirmos o nosso papel de críticos/as, propositivos/as e incentivadores/as de trabalhos a serviço da melhoria das condições de vida e da sustentabilidade dos povos, comunidades, grupos, em diferentes contextos, territórios, espaço-tempo. Enquanto protagonistas acadêmicos/as, fazemos parte da Universidade e, desafiados/as a reflexão e à atitude concretizamos uma das principais funções da universidade como aponta CHAUI (2003) uma instituição social que *cabe-lhe e talvez seja essa a sua principal função, desenvolver a inquietude do ser social*. Marcovitch (apud Chauí 2003)

Conectados historicamente por uma relação dialógica junto à comunidade externa principalmente aos grupos vulneráveis socialmente, a reflexão realizada pela professora Sandra de Deus acerca da relação universidade-sociedade, pontua que:

Em praticamente todas as instituições de ensino superior, são desenvolvidos projetos, programas ou ações extensionistas. Pequenas e distantes comunidades, assim como setores excluídos por renda, cultura ou raça, encontram, na universidade, através da Extensão Universitária, uma forma de inclusão. Ao se distanciar destes compromissos, a universidade se encolhe, fecha-se entre suas grades invisíveis, não permitindo germinar, em seu interior, sementes que produzam frutos. (DEUS, 2020, p.52).

Na aliança com movimentos sociais, grupos, comunidades, setores da sociedade tomando como princípio dessa relação: a mão dupla o que Boaventura cunhou o termo *ecologia de saberes*, aprendemos e ensinamos e em rede buscamos a superação de desigualdade e exclusão presentes ainda no século XXI no Brasil e em grande parte do mundo.

Na perspectiva de *ultrapassar essa onda conservadora e recriar a esperança num projeto de sociedade justa e solidária* (GADOTTI, 2014) é que afirmamos que o período de pandemia potencializou a reflexão sobre nossa atuação enquanto cidadãos/as do mundo e nos levou a uma ação acadêmica reflexiva e propositiva de respostas às demandas.

Em 2020 o FORPROEX preocupado com a organização da extensão à luz da política nacional de extensão e sua adequação à forma remota, realizou um mapeamento junto às universidades brasileiras a ele vinculadas com o intuito de compreender o panorama da extensão universitária brasileira em meio à pandemia. Das 145 (cento e quarenta e cinco) instituições, responderam ao formulário elaborado para coleta de dados 87 (oitenta e sete) delas. As questões foram organizadas em três blocos: 1) sobre a institucionalização das ações em documentos

elaborados para orientação/regulação interna, 2) as atividades de extensão desenvolvidas e 3) o processo de implementação da Resolução CNE 07/2018 para inserção da extensão universitária nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação.

O resultado desse trabalho revelou no primeiro bloco que 87% das instituições elaboraram resolução, instrução ou documento de orientação para este período de pandemia sendo destes 54,9% orientações construídas pela própria instituição.

Quanto ao segundo bloco, 76% realizaram serviços de teleatendimento e teleacolhimento, 97% utilizaram as redes sociais para realização de palestras, seminários, atividades culturais e desportivas, debates, oficinas, festivais), 80% orientaram nas áreas financeira e jurídica, como também realizaram acolhimento psicológico, o auxílio a idosos/as e grupos de maior vulnerabilidade socioeconômica, 89% produziram insumos e desenvolveram equipamentos/tecnologias a exemplo de epi's para os profissionais de saúde (máscaras 3d), álcool em gel, sabonetes, lavadores públicos, respiradores, 97% produzira material educativo e mídias digitais como: cards, vídeos curtos, videoaulas, podcast, slidshare, material em libras.

No terceiro bloco, quanto ao processo de creditação da extensão, 52 instituições encontravam-se há época em discussão, 31 em implantação e 04 finalizadas em execução. Um salto significativo em relação à pesquisa anterior (2019) em que muitas instituições não haviam iniciado esse debate.

CONCLUSÃO

O mapa expressa o protagonismo da comunidade acadêmica extensionista no período de pandemia e nos leva a pensar sobre o aprendizado humano diante dos momentos de crise, sendo assim, sem perdermos a perspectiva do aprendizado constante, tomemos as premissas Freireanas (1987) enquanto base para novos estudos reflexões, afinal: *“somos seres do mundo, somos seres inacabados e incompletos e aprender não é acumular conhecimentos, o importante é aprender a pensar e não a reproduzir”*.

O engajamento da comunidade acadêmica extensionista trouxe resultados que vão desde a orientação e educação sobre o coronavírus (SARS-CoV-2) sua prevenção e combate, perpassando pela indicação de leituras, realização de atividades artístico-culturais, dentre outras que visam contribuir também para a saúde mental e amenizar em certa medida a dor das pessoas

em distanciamento social. Uma atuação relevante enquanto produção de ciência e de desenvolvimento do espírito coletivo solidário em tempos sombrios na vida da humanidade.

REFERÊNCIAS

BURHAM, Teresinha Fróes e coletivo de autores. Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2013

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 5 out 1988.

CHAUÍ, Marilena. (2003). A Universidade Pública sob nova perspectiva. Revista Brasileira de Educação.n.24. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEP: Autores Associados, Set-Dez.

DEUS, Sandra de. Extensão universitária: trajetórias e desafios / Sandra de Deus. – Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020

FORPROEX. Fórum De Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, AM, maio 2012. Disponível em: . Acesso em: 16 de novembro de 2020

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: Para quê? SANTOS, B. S.A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da ideia de Universidade à Universidade de ideias. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005b. p. 187-233.